

BIBLIOTECA ESCOLAR: UMA VISÃO HISTÓRICA

Else Benetti Marques Válio (PUCCAMP)

RESUMO

VÁLIO, E.B.M. *Biblioteca escolar: uma visão histórica.*
Trans-in-formação 2(1): 15 - 24, jan/abr.1990

Este artigo tenciona procurar entender a biblioteca escolar, quando da promoção da leitura, tendo em vista uma breve análise histórica desde o início da colonização brasileira.

Unitermos: *Biblioteca Escolar - Leitura - Literatura Infantil*

Desde o início da nossa colonização, já se pode ter uma idéia de como o livro tem sido tratado no país. De momento, a intenção primeira do colonizador era catequizar o índio.

Com a instalação do Governo-Geral, na Bahia, na segunda metade do século XVI, os livros aportaram em nosso país nas bagagens dos Jesuítas. Com pequenos acervos que mal atendiam às necessidades das propostas pedagógicas da Companhia de Jesus, os padres faziam cópias das cartilhas para poderem ensinar as primeiras letras aos alunos do Brasil Colônia. Foi necessário solicitar à metrópolis remessa de livros de diversos gêneros, para poderem atender a demanda tanto de instrução das crianças como da capacitação dos professores (MORAES, 1979).

Com a vinda dos livros pedidos, os padres passaram a utilizar os acervos das bibliotecas dos conventos na alfabetização dos indígenas e dos filhos dos colonos (MORAES, 1979). Pouco a pouco os acervos foram aumentando e tornaram-se de uso particular dos jesuítas, não havendo no país nenhum outro tipo de biblioteca ou livraria, que promovesse a formação de leitores, pois ninguém mais se interessava em lê-los, uma vez que mais de 80% da população era constituída de analfabetos (inclusive o próprio colonizador).

As bibliotecas conventuais até a segunda metade do século XVIII, quando da expulsão dos jesuítas por Pombal. Depois da expulsão, os livros foram usados para embulhar mercadorias ou permaneceram em depósitos estragando-se (LIMA, 1979).

Dessa realidade educacional brasileira da colônia, Capistrano de Abreu afirma que "poucos aprendiam a ler. Com a raridade dos livros, exercitava-se a leitura nos manuscritos." (ARROYO, 1968: 61).

Da análise das listas dos acervos das bibliotecas conventuais e das particulares, organizadas por MORAES, conclui-se que o único livro citado, que se pode dizer endereçado ao público infantil é o *Telémaco*, de Fénelon, no original francês. Este título, publicado na França, em 1717, foi encontrado no princípio do século passado em listas de livros de mais de uma biblioteca particular (MORAES, 1979).

O primeiro livro, tendo em vista as leituras infantis, publicado no mundo ocidental, data do final do século XVII e é de autoria do mesmo Fénelon, que teve a intenção de escrever um **Tratado de Educação para as meninas**, com finalidade pedagógica, marcando o registro de novos princípios educacionais (COELHO, 1984).

Escrever literatura especificamente para o público infantil não era intenção dos autores até 1697, quando PERRAULT publica os **Contos da Mamãe Gansa**. O Autor só vem a ter tal objetivo no nono livro dessa coleção de 11 títulos, porém sem assumir a autoria da obra; nomeando seu filho em seu lugar (COUTINHO, 1984).

A literatura infantil somente se estabelece como uma conseqüência das mudanças sociais provocadas pela classe burguesa e passa a ser "um produto do século XIX, nascida de preocupações educacionais, quando se compreendeu a necessidade de despertar nas crianças o gosto pela leitura e de lhes facilitar conhecimentos gerais, tudo dentro de uma expressão de arte." (COUTINHO, 1986)

Com a vinda de D. João VI para o Brasil, a literatura infantil nasce ligada ao desenvolvimento do ensino, providenciado pela criação de escolas, tornando-a uma literatura escolar (ARROYO, 1968). Essa característica de escolas, registrada na temática expressa nos livros infantis, a literatura infantil só irá perder no século seguinte com as obras de Lobato, embora estas também tenham sido usadas, desde suas primeiras publicações, pelo alunado de escolas oficiais e particulares.

As escolas foram criadas com a lei de 15/10/1827 para ensinar a ler, a escrever, a aritmética e a religião, privilegiando-se as leituras da Constituição do Império e a História do Brasil. A criação de imprensa, a leitura de jornais e a circulação de livros eram proibidas durante o período colonial,

fatos que caracterizam a grande população de analfabetos de bibliotecas (LIMA, 1974).

Em 1818, deu-se o início da impressão do livro dirigido especialmente para a infância, com a obra intitulada **Leituras para meninos, contendo uma coleção de histórias moraes relativas aos defeitos ordinários às idades tenras, e um diálogo sobre geographia, chronologia, história de Portugal, e história natural**. O subtítulo desta obra era "livro de leitura" e foi reimpresso em 1821, 1822 e 1824 (MORAES, 1979).

A discussão, no Brasil, sobre a necessidade de bibliotecas - no sentido etimológico de coleção de livros - apropriadas às escolas, inicia-se na segunda metade do século passado. Os livros de literatura infantil, aqui surgidos, eram traduções ou didáticos. Por essa época também aparecem textos dedicados à instrução de escolares.

O presidente Vicente P. da Mota, em 1849, alerta a Assembléia Legislativa sobre as condições da instrução na província de São Paulo:

"A raridade dos livros, a dificuldade de obtê-los e o preço excessivo que custam, não permitem a um empregado de tão tênues vencimentos adquiri-los

Conviria por certo facilitar a aquisição dos melhores tratados primária e de outras obras de utilidade prática acerca dos modos mais fáceis e mais profícuos de instruir os meninos." (MOACYR, 1939: 324)

Somente em final do século passado é publicado para o público infantil, **Contos da Carochinha** (1894) de Alberto Figueiredo Pimentel, considerado por COUTINHO "nosso primeiro livro no gênero. Trata-se de uma adaptação de estórias do folclore mundial ou de outras por ele colhidas da tradição oral, em forma interessante, embora sem o necessário cuidado na linguagem, nem sempre perfeitamente adequada aos pequenos leitores a que se destinam. A sua acolhida, porém, foi extraordinária e as tiragens excederam a cem mil exemplares", garantindo-se desse modo a criação de acervos para o público infantil brasileiro (COUTINHO, 1986: 206-7).

Como recusa às traduções vindas de Portugal, surgiu a "Biblioteca Escolar" criada pelo Conselho de instrução do Império e sob a direção do Barão de Paranapiacaba. Apesar de críticas de intelectuais, a "Biblioteca Escolar", iniciada com uma adaptação d'"Os Lusíadas" e seguida de uma tradução das "Fábulas" de La Fontaine, teve o mérito de procurar novos métodos de leitura, incorporando neles as características nacionais.

A primeira coleção de livros, tendo o nome de biblioteca, publicada especialmente para o público infantil, data de 1915, foi assinada por Arnaldo de Oliveira Barreto e impressa por Weisflog Irmãos. Chamou-se **Biblioteca Infantil** e formou uma coleção de cem livros, trazendo títulos de Perrault,

Grimm, Andersen, Swift e adaptações das histórias das **Mil e uma noites**, sendo o primeira da série **O Patinho Feio** (ARROYO, 1968).

Dois anos mais tarde, a mestra Alexina de Magalhães Pinto (ARROYO, 1968) de São João d El Rei, tentou organizar uma biblioteca mínima para a infância, indicando uma seleção de títulos que pais e professores deveriam oferecer às crianças brasileiras. "...Destinada a divulgar o folclore entre as crianças, através de cantigas, modas, brinquedos em geral, acalentos, provérbios, adivinhas, estórias, parlendas, poesias e hinos. A rigor esses livros não se podem incluir em literatura infantil, porque sua intenção é ensinar às mães e professoras a brincar com as crianças e distraí-las. Revelam, contudo, obtenção salutar e se valem de elementos de literatura infantil com finalidade educacional" Por essa época houve uma tentativa no Brasil de libertar as crianças do livro escolar propriamente dito e Alexina foi uma das vozes que se levantou contra o livro didático e os conceitos ultrapassados sobre a infância.

Isso, entretanto, somente se concretiza com a publicação de **A Menina do Narizinho Arrebitado** (1921) de Monteiro Lobato, quando a literatura infantil brasileira caracteriza-se efetivamente como nacional e se constitui como obra de arte, tendo em vista os infantes. "Apesar de ter como alvo a escola, o próprio Lobato afirma, em uma de suas cartas a Godofredo Rangel, datada de 9/2/1921 (A Barca de Gleyre, 2º tomo), que o objetivo não era o ensino, mas o prazer da leitura: Mando-te o narizinho escolar. Quero tua impressão de professor acostumado a lidar com crianças. Esperimenta nalgumas, a ver se interessam. Só procuro isso: que interesse às crianças."

A criação de bibliotecas escolares, no sentido hoje entendido, começou a acontecer no país com a fundação das escolas normais. A primeira a ser criada foi a Biblioteca da Escola Normal Caetano de Campos, São Paulo, em 30 de junho de 1880 e, anos depois, em 16 de junho de 1894, inaugura-se a Biblioteca do Ginásio do Estado da Capital (INL, 1944).

As bibliotecas escolares das escolas normais foram surgindo até 1915, sendo as décadas de 30 e 40 reservadas à criação das bibliotecas dos ginásios estaduais.

A fundação da Biblioteca infantil "Monteiro Lobato" (São Paulo, 1936), pela bibliotecária Lenyra Fraccaroli, mostra que, somente depois de quatro séculos de existência, a sociedade brasileira preocupa-se em oferecer ao público infantil a primeira biblioteca pública, local destinado especificamente à leitura.

Havia no Brasil, até 1915, 14 bibliotecas públicas, e no início da década de 60, o total chegava a 75 (DANIELS, 1963). Com relação às bibliotecas públicas infantis, segundo dados do Ministério da Educação e do

instituto Nacional do Livro, em 1966, o país contava com 205 bibliotecas (ARROYO, 1968).

A publicação de uma **Bibliografia de Literatura Infantil em Língua Portuguesa** (1953), de Lenyra Fraccaroli, patrocinada pela Prefeitura de São Paulo, auxiliou professores e bibliotecários na orientação e no intuito de formar leitores.

Como consequência da organização das Bibliotecas infantis na orientação da leitura, surge em 1968, no Rio de Janeiro, a fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, destinada a abrigar as pessoas interessadas na formação dos jovens leitores. Por seu lado, na década de 70, as Editoras de Literatura Infantil expandem-se e dedicam um maior cuidado no trato da obra infanto-juvenil, garantindo às bibliotecas escolares e infantis uma possibilidade de ampliar e qualificar seus acervos.

LOURENÇO FILHO, um dos integrantes do movimento "Escola Nova", crítico e reformador do sistema educacional brasileiro, estão vigente, já em 1944, preconizava que "ensino e biblioteca são instrumentos complementares...; ensino e biblioteca não se excluem, completam-se. Uma escola sem biblioteca é um instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja, sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será por seu lado, instrumento vago e incerto." (LOURENÇO FILHO, 1944; 3-4).

É justamente essa instituição que pode oferecer aos escolares as melhores condições para atender aos seus interesses e necessidades de leitura, pois "a proximidade da sala, a interação professor-bibliotecário-aluno, as orientações mais atuais de ensino que impelem a criança para a busca-descoberta, através de diferentes textos..." (POLKE, 1973: 60), poderão formar o futuro leitor, usuário de bibliotecas.

No Ano Internacional do Livro (1972), a UNESCO solicitou a BAMBERGER, autoridade internacional em pesquisa sobre leitura, um estudo que mostrasse o panorama mundial dessas investigações. Esse trabalho apresentou algumas conclusões que demonstram a importância da leitura de obras adequadas aos interesses infantis como fator determinante na formação de leitores. Bamberger afirma que a idade ideal para a aquisição do gosto de ler situa-se entre os 8 e os 13 anos (BAMBERGER, 1977).

Nesta faixa etária as crianças têm grande interesse pela leitura e grande disposição para freqüentar bibliotecas. Depois dessa idade torna-se difícil desenvolver nelas o gosto de ler. É portanto da maior importância que bibliotecas e escolas realizem programas de estímulo à leitura, envolvendo toda a comunidade escolar, principalmente aquela de 1º grau.

Ao longo dos anos, o conceito de biblioteca escolar vem-se transformando e tem sido uma questão obrigatória em eventos que discutem a educação, o currículo, a leitura. Relacionar a biblioteca com a melhoria de

ensino, utilizando-a em sua plenitude, como mediadores do processo ensino-aprendizagem, parece ser uma prática não implantada ainda nas escolas.

Como mediadora, a biblioteca escolar é uma instituição que organiza a utilização dos livros, orienta a leitura dos alunos, coopera com a educação e com o desenvolvimento cultural da comunidade escolar e dá suporte ao atendimento do currículo da escola. Desse conceito depreende-se que a função da biblioteca escolar é incentivar a leitura dos alunos, tendo como objetivo a formação dos futuros leitores, e oferecer as condições necessárias à comunidade escolar, através da **facilitação dos serviços de informação**, em benefício do desenvolvimento do currículo e da **competência do aluno para aprender a aprender**.

Quer isto dizer que a ação da biblioteca escolar incia-se no limite do espaço onde se busca a forma de aprender e onde se adquire o conhecimento, ou seja, a competência para poder fazer uso da informação, selecionada pelo interessado em aprender.

"O êxito na aprendizagem de novos conhecimentos (de conteúdos) deve-se, sem dúvida, a uma predisposição, a uma motivação, a um interesse em aprender que não é dado pelo **conteúdo**, mas pela **forma** de aprender." (GADOTTI, 1987: 106)

No acervo que a biblioteca pode oferecer complete-se a aprendizagem de conteúdos e a forma de aprender os conteúdos se concretiza no modo de utilizar a informação, que os serviços bibliotecários podem colocar à disposição dos leitores, que são "... todos aqueles que utilizam livros, revistas, periódicos, todos em conjunto ou em separado e não ocasionalmente, porém de maneira mais ou menos regular." (CHRABIAN, 1981: 250)

Para que as crianças leiam regularmente, é necessário que tenham oportunidade de acesso ao livro. Diferentes autores de diferentes países têm ressaltado a importância da leitura na infância para se formar, futuramente, o leitor adulto (BAMBERGER, 1975).

Krupskaya, teórica de biblioteconomia russa, destacou "que a leitura infantil é uma das questões mais importantes, porque o livro lido na infância permanece na memória praticamente toda a vida, influi no desenvolvimento das crianças, forma uma determinada concepção do mundo e normas de comportamento." (CHRABIAN, 1981: 250)

Países desenvolvidos têm-se preocupado com o problema da leitura das crianças e com o problema das bibliotecas escolares como suporte de programas, que envolvem o sistema educacional de nível médio. Exemplo dessa situação é o caso da Inglaterra, que tem seu sistema educacional de nível médio, apoiado em bibliotecas escolares e centros de recursos informacionais, distribuídos pelas diferentes regiões do país. Em 1983, foram organizados pelo "Conselho de Serviços de Informação e Biblioteca da

Inglaterra" estudos para tratar dessa questão, que resultou em um relatório ao Ministro das Artes, no qual está escrito que "... as bibliotecas escolares e os serviços bibliotecários escolares têm um papel vital a desempenhar no processo de ensinar as crianças a aprender" e alertam, enfaticamente, que os países que não investirem neste sentido terão "penas a pagar por muitos anos" (LIBRARY, 1985: 1).

As autoridades educacionais e biblioteconômicas inglesas consideram a tarefa mais difícil da vida escolar de um aluno - e a qual se tem dado menos relevância - **a de como ser aluno**. Para desempenhar tal tarefa, teria o aluno, ajudado pelo bibliotecário e pelo professor, que desenvolver gradualmente habilidades de como formular questões, encontrar fontes de informação e selecionar, organizar e apresentar essas informações.

Aprender a utilizar a informação é uma das mais importantes atividades do currículo escolar e a biblioteca seria o "laboratório de aprendizagem", contribuindo para a formação de estudantes bem sucedidos e adultos capacitados, já que na vida futura a capacitação e a satisfação tanto no plano pessoal e social como no profissional dependem da competência individual em usar a informação.

Se a biblioteca tem a função de contribuir para a formação de cidadãos, o papel do bibliotecário seria facilitar tal aprendizagem para cada estudante.

Pode ser a leitura o principal instrumento para o ensino de virtualmente todos os aspectos do currículo, é responsabilidade de cada professor desenvolvê-la, tornando-se o professor não só um mestre da disciplina que leciona, mas também das habilidades de busca da informação e uso da biblioteca.

"Dada a fartura de títulos existentes, poucos são os que podem comprar livros que desejam ler ou que teriam espaço para guardá-los. Além disso, muitas obras de referência só servem para consultas ocasionais e provavelmente não justificariam a aquisição por uma pessoa. Por isso foi criada uma vasta rede de bibliotecas no mundo inteiro para servir aos que costumam tomar livros por empréstimo aos que procuram material de referência e, de um modo geral, aos que procuram informações sobre qualquer assunto (ESCARPIT, 1975: 74-5).

Em contexto brasileiro, é possível, a partir da pesquisa de BOSI, evidenciar a premente necessidade de um trabalho mais agressivo com respeito à leitura dos alunos.

Ao dizer que:

"Esta pesquisa foi realizada na véspera, antes dos fatos isto é, antes da formação de uma comunidade de leitores. Devemos trabalhar para a sua

existência através da formação de bibliotecas de bairro, de paróquias, de fábrica." (BOSI, 1981: 179).

A Autora considerou apenas o adulto enquanto leitor, deixando de focalizar a infância como o período de maior chance em se formar leitores.

Será que somente com as bibliotecas de bairro, de paróquia, de fábrica as operárias transforma-se-iam em leitoras?

Sem desprezar esses diferentes tipos de bibliotecas, que poderiam oportunizar às operárias a condição de leitoras, acredita-se que somente uma política de leitura compromissada com a circulação de livros, providenciando a oportunidade de acesso aos acervos das bibliotecas escolares, pode transformar o não-leitor. A criação das bibliotecas, propostas por BOSI, possibilitaria uma **remediação** do problema, que poderia contribuir para a manutenção do **status quo, sem entretanto resolvê-lo**.

A véspera dos fatos, no meu entender, é justamente a idade escolar, onde pode ser possível formar comunidades de leitores que irão ser usuários das bibliotecas de bairro, de paróquia, de fábrica e de tantas outras. Esta postura equivale a querer **prevenir** primeiro e, em seguida, promover as condições necessárias para a manutenção da freqüência à leitura, garantindo-se a criação de vários outros tipos de bibliotecas e a oportunidade de se desenvolver diferentes programas de leitura.

Assim sendo, estende-se que a biblioteca escolar é, portanto, uma faceta de toda atividade escolar e o bibliotecário é tanto um professor como os outros como também um apoio e complemento para cada professor. O bibliotecário escolar é um professor cuja disciplina é ensinar a aprender.

SUMMARY

VÁLIO, E.B.M. School library: an historic view. *Trans-in-formação*, 2(1): 15 - 24, jan/apr. 1990.

This article is written for the purpose to understand the school library in revelation to encouraging reading in a historical frame-work form the beginning of the Brazilian colonization.

KEY WORDS: School library -Reading -Children's literature.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil Brasileira**. São Paulo, Melhoramentos, 1968.
2. BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito da leitura**. São Paulo, Cultrix/INL, 1977.
3. BAMBERGER, ob.cit.; MARSHALL, M.R. *The world of children's books*. Aldershot, Gower, 1982; ESCARPIT, R. *A fome de ler*. Rio de Janeiro, F.G.V., 1975; HUCK, C.S. **Children's literature in the elementary school**. 3.ed., New York, Holt Rinehart and Winston, 1975.
4. BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias**. 5.ed., Petrópolis, Vozes, 1981.
5. CHUBARIAN, O.S. **Bibliotologia general**. Havana, Editorial Científico-Técnica, 1981.
6. COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil**. São Paulo, Quíron, Brasília: INL, 1981, p. 238 e LAJOLO, M. & ZILBERMAN, R. **Literatura Infantil Brasileira: História e histórias**. São Paulo, Ática, 1984.
7. COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF-Universidade Federal Fluminense, 1986.
8. DANIELS Marieta. **Bibliotecas públicas y escolares en America Latina**. Washington, Union Panamericana, 1963.
9. ESCARPIT, Robert & BARK, Ronald E. **A fome de ler**. Rio de Janeiro, FGV/INL, 1975.
10. GADOTTI, Moacir. **O pensamento pedagógico brasileiro**. São Paulo, Ática, 1987.
11. INL. **Guia das bibliotecas brasileiras**. Rio de Janeiro, imprensa Nacional, 1944.
12. LIBRARY and information services council for England. *School libraries: the foundations of the curriculum. report of the working party on school library services*. Library information series, nº 13, Londres, HMSO, 1985.
13. LIMA, Lauro de Oliveira. **Estórias da Educação no Brasil: de Pombal a Passarinho**. Brasília/Rio de Janeiro, Editora Brasília, 1974.

14. LOURENÇO FILHO, M.B. **O ensino e a biblioteca. 1ª Conferência da Série Educação e Biblioteca.** Rio de Janeiro, imprensa Nacional, 1944.
15. MOACYR, Primitivo. A Instrução e as Províncias (subsídios para a História da Educação no Brasil) 1835-1889. Vol.2, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1939.
16. MORAES, Rubem Borba de. **Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial.** Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, São Paulo, Secretaria de Cultura, Ciência e tecnologia do Estado de São Paulo, 1979.
17. POLKE, A.M.A. "A biblioteca escolar e o seu papel na formação de hábitos de leitura" IN: **Rev.Esc.Bibliotecon.** Belo Horizonte, UFMG, v.2, nº1, mar.1973.